Acervo ISA

1C/78
45
Art.

MINISTERIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

CEDI - P. I. B.
DATA 19 / 12 / 86
COD. APD 44

R E L A T Ó R I O

COMUNIDADE APURINÃN DO KM-124 DA BR-317 - Município de Lábrea

I - INTRODUÇÃO

Na estrada BR-317 que une o Rio Branco a Boca do Acre no Estado do Amazonas, mais precisamente entre os Km 124 e 137, vive um comunidade indígena Apurinãn (ou Ipurinãn) em contato permanente com nossa civilização. Vivem em região imemorial Apurinãn, há uns poucos Km de sua aldeia de origem, (vide mapa). Viviam nessa aldeia, junto ao Igarapé Anuri, quando, por volta de meio século atrás, foram contatados por Seringueiros. Com pouco tempo de contato contrairam sarampo, o que os reduziu à umas poucas famílias. Os sobreviventes ao surto transferiram-se para o lugar denominado "Olho d'água", alguns minutos distante da antiga aldeia. Depois, como não terminassem as mortes, transferiram-se para o Ig. Medonho onde permaneceram até a construção da estrada, (vide mapa).

A BR 317 os atraiu para a sua margem na década de sessenta, tendo os Apurinãn trabalhado na construção da mesma. O estabelecimento do grupo ao longo da estrada facilitou os casamentos inter-étnicos e a assimilação, por parte dos índios, dos costumes, crenças e valores da população branca da região. Atualmente há diversos casais mistos, (índios e brancos) sem que, com isso, haja a perda da identidade Apurinãn pelo grupo. Em razão dessa proximidade e convívio com os brancos, o grupo indígena já adotou como língua sua, o português, muito embora ainda saibam falar a língua nativa (tronco Aruak). Hoje vivem em dois grupos, situados, um no Km 124 e outro no Km 137.

O acesso à área é feito de carro desde Rio Branco, com aproximadamente seis horas de viagem, sendo possível somente na época da seca, em virtude das péssimas condições de conservação da estrada.

A presença da FUNAI na área é nula, não havendo posto, enfermaria, escola ou qualquer outro tipo de assistência, a não ser a passagem esporádica de uma EVS. Isso se deve à falta de recursos de que sofre a AJACRE.

Acervo ISA

Proc. 1678
Fls. 46
Rubrica:

II - HISTÓRICO

O contato dos índios Apurinãn com segmentos da sociedade nacional data do século passado. A partir da segunda metade do século XIX são dadas notícias sobre as populações indígenas na região dos rios Juruá e Purus, habitat tradicional dos Apurinãn. Os Apurinãn dos Kms 124 e 137, da BR 317 são moradores da Bacia do Rio Acre (antigo Rio Aquiry) afluente do Purus e também região imemorial Apurinãn.

W. Chandless em sua viagem ao Rio Purus e Acre, realizada durante os anos de 1864 e 1865, encontrou os Apurinãn habitando " acima do Rio Sepatynin e deste Rio até o rio Hyacú, cerca de 300 milhas (omitindo as curvas) ao longo deste Rio ... (Chandless: 1949 P.28) e no ... Rio Aquiry (Acre) acima, 8 ou 10 dias de viagem ... (Chandless: 1866,P.199).

A.R.P. Labre, em seu livro sobre o Purus, também faz referências a este grupo tribal:"Apurinãn. Habitam desde o médio até o alto Purus, são muito numerosos e de índole perverso, maus instintos, são verdadeiros antropófagos; entregam-se exclusivamente aos negócios da guerra, pilhagem e assassinato. Vivem em diferentes tribos espalhadas em grande extensão do Purus e seus afluentes, a contar da foz do Sipatiny para cima mais de 300 milhas " (Labre: 1872, P.29).

É Alfred Métraux quem apresenta um relato mais preciso sobre o Território Ipurinãn:"No rio Purus, da boca do Sepatinyn até a boca do rio Hyacu; no rio Acre até a Latitude de 9°45's; no Ituxi (Iquiri); no rio Entimari e no rio Punicici, dois afluentes do Rio Ituxi (lat. 9°10°-s, log.65°69°w) (Handbook: 1963, p.662).

No que diz respeito à comunidade do Km-124, sua aldeia de origem encontra-se a poucos quilômetros de distância da atual, (menos de 1 hora de viagem a pé). O abandono da aldeia de origem deveu-se a um surto de sarampo que por pouco não dizimou a população Apurinãn Local. O estabelecimento do grupo ao longo da estrada BR-317 é consequência das facilidades que esta oferece no que diz respeito ao acesso a Boca-do-Acre ou Rio Branco e ao escoamento da produção de borracha e castanha. No entanto, esses deslocamentos não chegam a caracterizar uma migração posto que sempre se realizaram dentro da região ocupada e utilizada pelo grupo em suas atividades de caça, coleta e extração. Pode-se, dessa maneira, concluir que a região ocupada pelo grupo hoje em dia, inscreve-se ou está contida na região imemorialmente ocupada

Acervo ISA

10178
47

por seus antepassados

III - MÁGICO-RELIGIOSO

Os laços mágico-religiosos que mantinham o grupo unido à sua cultura original praticamente inexistem na atualidade. Todos os índios sem excessão, se dizem adeptos da igreja "Congregação Cristã" que, em sua doutrina, condena qualquer prática xamanística. Dentro da área há um pequeno templo construído pelos próprios índios onde, aos domingos, são feitas orações ao estilo das igrejas crentes, comandadas pelo "ancião" (espécie de pastor) da região, o Sr.Virgílio Moreira, morador das proximidades da Área Indígena.

Os moradores do Km-124 estão mais integrados à citada religião, seguindo à risca os preceitos por ela estabelecidos.

IV - DEMOGRAFIA

a) - Igarapé Cantina (próximo Km 124)

Casa 1	Sexo	Idade
1 - Leôncio Miguel de Lima	M	58
2 - Ângela Maria de Lima	F	32
3 - Francisca Miguel de Lima	F	14
4 - Antônia Miguel de Lima	F	12
5 - Riberaldo Miguel de Lima	M	05
6 - Ribamar Miguel de Lima	M	02
Casa 2		
7 - Mário Miguel de Lima	M	66
8 - Maria dos Anjos	F	37
9 - Francisco Miguel de Lima	M	06
10 - Manoel Miguel de Lima	M	02
11 - Vagner Miguel de Lima	M	01

b) - Km- 124

Casa 3		
12 - Oswaldo Miguel de Lima	M	60
13 - Luiza Vieira	F	49
14 - Odete Miguel de Lima	F	19
15 - Elizabeth Miguel de Lima	F	17
16 - Maria de Fátima Miguel de Lima	F	15
17 - Cleonice Miguel de Lima	F	12

Acervo ISA

Proc. 10178
Fls. 48
Rubrica:

18 - Cremilda Miguel de Lima	F	11
Casa 4		
19 - Francisco Sobrinho	M	28
20 - Anilza Miguel de Lima	F	20
21 - Ieda Sobrinho	F	03
Casa 5		
22 - Hilda Miguel de Lima	F	67
23 - Sebastião Miguel de Lima	M	19
24 - Rodimiro Miguel de Lima	M	18
Casa 6		
25 - Francisco Vieira	M	40
26 - Joana Miguel de Lima	F	35
27 - Manoel Vieira	M	18
Casa 7		
28 - Acácio Maurício da Silva	M	35
29 - Maria Vieira	F	34
30 - Mariasinha Vieira da Silva	F	18
31 - Socorro Vieira da Silva	F	13
32 - Antônia Vieira da Silva	F	12
33 - Cassiano Vieira da Silva	M	10
34 - Maria Edwirges Vieira da Silva	F	09
35 - Carlito Vieira da Silva	M	08
36 - Dalva Vieira da Silva	F	07
37 - Nazaré Vieira da Silva	F	03
38 - Lucimar Vieira da Silva	F	02
Casa 8		
39 - Otávio Simeão	M	45
40 - Raimundo Amazonas	F	40
41 - Raimundo Simeão	M	18
42 - Raimunda Vieira da Silva	F	17
43 - Edmundo Simeão	M	17
44 - Meire Simeão	F	14
45 - Maria Simeão	F	10
46 - Cilda Simeão	F	08
47 - Cildinha Simeão	F	07

Acervo ISA

10/78
49

48 - Cacilda Simeão	F	06
49 - Antoniel Simeão	M	00
Casa 9		
50 - Anísio Vieira da Silva	M	68
c) - Km-133		
Casa 10		
51 - Antônio Amazonas	M	58
52 - Lunga Amazonas	F	25
53 - Édio Amazonas	M	10
54 - Edmilson Amazonas	M	04
Casa 11		
55 - Casemiro Amazonas	M	41
56 - Ibelina de Andrade	F	83
57 - Genésio Amazonas	M	19
58 - José Baé	M	12
59 - Chagas Amazonas	F	17
Casa 12		
60 - Chico Florentino	M	30
61 - Santana	F	30
62 - Maria Florentino	F	04
63 - Francisco Florentino	M	06
64 - Luciete Alves de Souza	F	02
65 - Manoel Florentino	M	00
Casa 13		
66 - Sebastião Florentino	M	19
67 - Maria Florentino	F	14
68 - Ozéa Florentino	F	02
Casa 14		
69 - Antônio Amazonas	M	40
70 - Teresa Florentino	F	19
71 - Manoel Florentino	M	14

Acervo ISA

Fl.: 10/78
50
Rubrica: Arto

72 - Daniana Florentino	F	02
73 - Eliete Florentino	F	06

Casa 15

74 - Francisco Chagas	M	22
75 - Lourdes Amazonas	F	30
76 - Elisiudo Chagas	M	02
77 - Eliana Chagas	F	1/2

Classe de idade	Homens	Mulheres	Total
0 — 10	13	15	28
10 — 20	09	16	25
20 — 30	03	04	07
30 — 40	03	04	07
40 — 50	02	01	03
50 — 60	03	00	03
60 ou +	02	02	04
TOTAIS	35	42	77

Índios: 38
Brancos: 06
Mestiços: 33

V - ASPECTOS SÓCIO-POLÍTICOS

A comunidade Apurinãn em questão encontra-se dividida geográfica e politicamente em dois grupos. Há o grupo que vive próximo ao Km 124 que é liderado pelo índio Leôncio, e há o grupo do Km-133, liderado pelo índio Antônio Amazonas. A relação entre os dois grupos não é simétrica já que Leôncio é quem responde por toda a comunidade e quem controla a produção de castanha e seringa.

É junto ao grupo do Km 124 que se encontra uma cantina por onde escoa toda a produção de borracha e castanha. É onde se encontra também a igreja que serve às orações do grupo. O controle da produção e a liderança religiosa propiciam a Leôncio e seu grupo uma

Acervo ISA

Proc. 10/76
Fls. 51
Rubrica:

ascendência econômica e moral sobre o grupo do Km-133.

O contato intenso com os brancos da região obrigaram os Apurinán a esforços de adaptação que resultaram na descaracterização do quadro social original, muito embora ainda permaneçam como um grupo distinto da sociedade que os envolve. Contribuem para essa distinção: a origem comum do grupo, o sentimento de possuir uma terra que foi ocupada por seus antepassados, a proximidade de parentesco entre todos os membros do grupo e a distinção caboclos x civilizados que nessa região serve para distinguir o índio semi-integrado do "conquistador".

VI - ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS

O adiantado grau de aculturação em que se encontra a sociedade Apurinán do Km-124 faz com que as famílias indígenas tenham necessidades de consumo quase idênticos aos regionais, como roupas, sapatos, redes, lanternas, pilhas, panelas, munição, sal, óleo , etc. Os recursos para a aquisição desses produtos provêem da extração da seringa e do caucho, e da coleta da castanha-do-pará. Outras atividades como os roçados e o artesanato, colaboram numa proporção muito reduzida na aquisição de produtos industrializados.

A comunidade conta com uma cantina montada pela comissão Pró-Índio do Acre onde grande parte dos produtos que adquirem são trocados por castanha, caucho ou seringa. O responsável pela cantina é o índio Oswaldo, irmão do líder Leôncio.

Cada homem adulto explora uma ou mais colocações de seringa e caucho assim como outra, de castanha-do-pará. Cada colocação de seringa tem 6 (seis) estradas, e cada estrada, em média, 120 seringueiras.

As colocações de seringa e caucho exploradas pelos índios são:

Denominação (localização)	Indio Responsável
1 - Ig. Cantina	Mário
2 - Km-124	Acácio
3 - Ig. Bananeira	Raimundo Simeão
4 - Estreminha	Chico Vieira
5 - Estreminha	Manoel

Acervo ISA

6	Ig.Medonho	Anísio
7	Ig.Medonho	Sebastião de Lima
8	Ig.Medonho	Francisco Sobrinho
9	Ig.Medonho	Rodimiro
10	Ig.Raposa	Duda (branco,sogro de Leôncio)
11	Ig.Cajuí	Casemiro
12	Ig.Cajuí	Genésio
13	Porco Pendurado	Francisco Chagas
14	Saracura	Sebastião Florentino
15	Saracura	Chico Florentino
16	Japó	Otávio Simeão
17	Japó	Edmundo Simeão

As colocações de castanha-do-pará são:

	Denominção	Índio Responsável
1	Ig. Cantina	Leôncio
2	Ramal	Mário
3	Atoleiro	Todos os índios do Km-124
4	Km-124	Oswaldo
5	Km-124	Acácio
6	Km-124	Chico Vieira
7	Km-124	Rodimiro
8	Ig. Bananeira	Raimundo
9	Estreminha	Chico Vieira
10	Estreminha	Manoel
11	Ig. Medonho	Anísio
12	Ig. Medonho	Sebastião
13	Ig. Medonho	Francisco Sobrinho
14	Ig. Medonho	Rodimiro
15	Raposa	Duda
16	Cajuí	Casemiro
17	Cajuí	Genésio
18	Porco Pendurado	Francisco Chagas
19	Saracura	Sebastião Florentino
20	Saracura	Chicò Florentino
21	Japó	Otávio Simeão
22	Japó	Edmundo
23	Km-137	Antônio Amazonas

Acervo ISA

Proc. 1C/FE
Fls. 53
Rubrica:

Além das atividades de extração e coleta, os Apurinán se dedicam ao cultivo de tubérculos, cereais e frutas, destacando-se a macaxeira, batata, inhame, banana, abacaxi e milho. As roças são individuais e unicamente para a subsistência de cada família. Os moradores do Km-124 estão iniciando neste ano uma plantação coletiva de seringa e café consorciados.

As caçadas são, em geral, coletivas. Forma-se um grupo de 3 ou mais índios que se desloca até o lugar conhecido como atoleiro, situado próximo ao rio Endimari. A caça de grande porte existe unicamente nessa região pois a estrada afugenta os animais maiores. A caça de pequeno porte (paca, cotia, tatu, etc) é obtida principalmente através de armadilhas ou "de espera", quando o caçador se posta próximo a uma árvore frutífera, frequentada por determinado tipo de caça. A fruta da árvore da copaíba é apreciada por todo o tipo de caça, daí a preferência por essa árvore para promover a caçada de espera. Em todos os casos fazem uso exclusivamente da espingarda.

Nas caçadas coletivas o animal é moqueado e dividido entre os participantes das mesmas; em seguida cada caçador leva sua parte para casa. Na caçada de espera ou na de armadilha, o animal é imediatamente levado para casa, onde então é preparado para o consumo.

As pescarias são promovidas exclusivamente no rio Endimari, utilizando-se o tingui. Pescam com maior frequência a piranha, o piau, a traíra e o pacu.

Como reserva de recursos e mais raramente para consumo próprio criam algumas cabeças de gado. Para o homem do interior amazônico, ter algumas cabeças de gado serve como garantia de obter algum dinheiro num momento de emergência.

No dizer de um morador local, o boi é cheque. Sempre que haja a necessidade de dispor de uma soma significativa de dinheiro, vende-se, sem dificuldade, uma ou mais cabeças de gado nas fazendas da redondeza.

O nº de cabeças de gado é o seguinte:

Índio proprietário	Quantidade
Maria Quitéria	2 cabeças
Leôncio	2 cabeças
Oswaldo	2 cabeças

Acervo ISA

Proc. 1078
Fls. 54
Rubrica:

Mário	2 cabeças
Francisco Sobrinho	1 cabeça
Otávio	6 cabeças

A criação de porcos e galinhas, também em pequeno nº, destina-se ao consumo familiar.

Com a criação da cantina, os índios desligaram-se da figura do patrão, e passaram a comercializar seus produtos diretamente em Rio Branco ou Boca do Acre. As relações entre os índios e os moradores das redondezas é bom, muito embora tenha havido no passado, reações violentas como represália a tentativas de invasão da área ocupada pelos índios.

VII - OUTROS ASPECTOS

O estado de saúde da comunidade é precário em razão da completa falta de assistência médica como de cuidados mínimos de higiêne e assepsia. Há um índice elevado de tuberculose entre os índios como também de verminose.

Como não há escola na Área Indígena, tampouco nas proximidades, o analfabetismo é geral.

A área reivindicada pelos índios está isenta de moradores brancos como de benfeitorias de terceiros. O único branco não integrado à comunidade e que vive dentro dos limites da área é o "Velho Duda", sogro de Leôncio e possuidor de bom relacionamento com os índios. Este Sr. vive próximo ao Ig.Raposa.

VIII - CONCLUSÃO E PROPOSTA DE ÁREA

A Área Indígena Apurinán do Km-124 da Br-317 constitui terra de ocupação imemorial desse grupo que aí se encontra até hoje, embora modificado em sua estruturação social e econômica. A área identificada por este GT e constante no Memorial Descritivo anexo foi eleita a partir da exploração que a comunidade exerce de seus seringais, castanhais e áreas de caça e pesca conforme foi descrito no item VI deste relatório.

Acervo ISA

Essa é a área economicamente necessária para a sobrevivência e desenvolvimento desse grupo, até então, em completo desamparo.

Segue: Memorial Descritivo, Mapas e Fotografias.

Brasília, 10 de novembro de 1982

ARTUR NOBRE MENDES
Antropólogo - DID

Adendo:

SITUAÇÃO DAS TERRAS

Segundo consta a área eleita estaria incluída no Seringal Santa Filomena e sua documentação acha-se as fls 31 a 43 do presente processo.

Informações colhidas junto ao INCRA de Rio Branco a área do Seringal estaria em fase final de regularização Fundiária.

O referido Seringal acha-se plotado sobreposto à A.I. eleita às fls. 61 deste processo.

Brasília, 10 de novembro de 1982

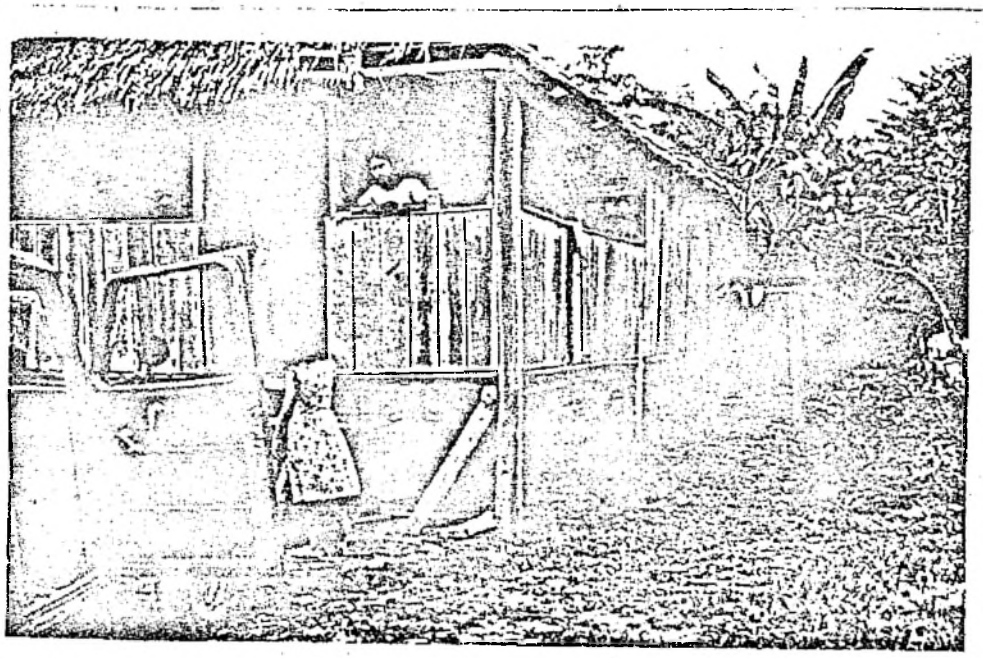
ARTUR NOBRE MENDES
Antropólogo - DID

Acervo ISA

Proc. 10178
Fls. 56
Rubrica:

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Ibelina, índia mais velha, e seu filho mestiço, Casemiro.

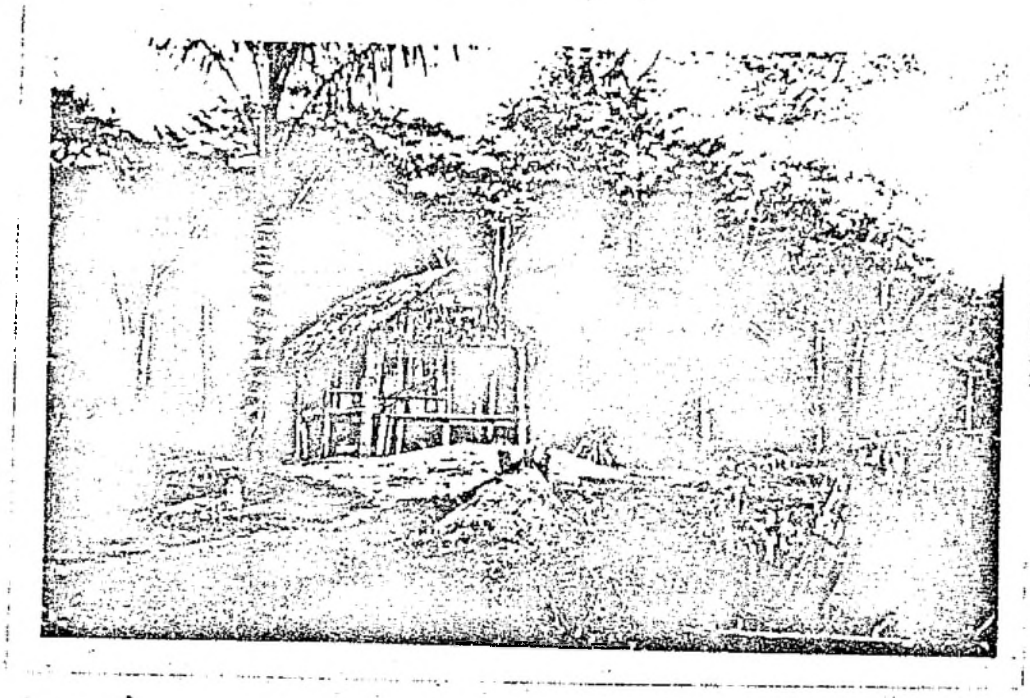


Casa Apurinã

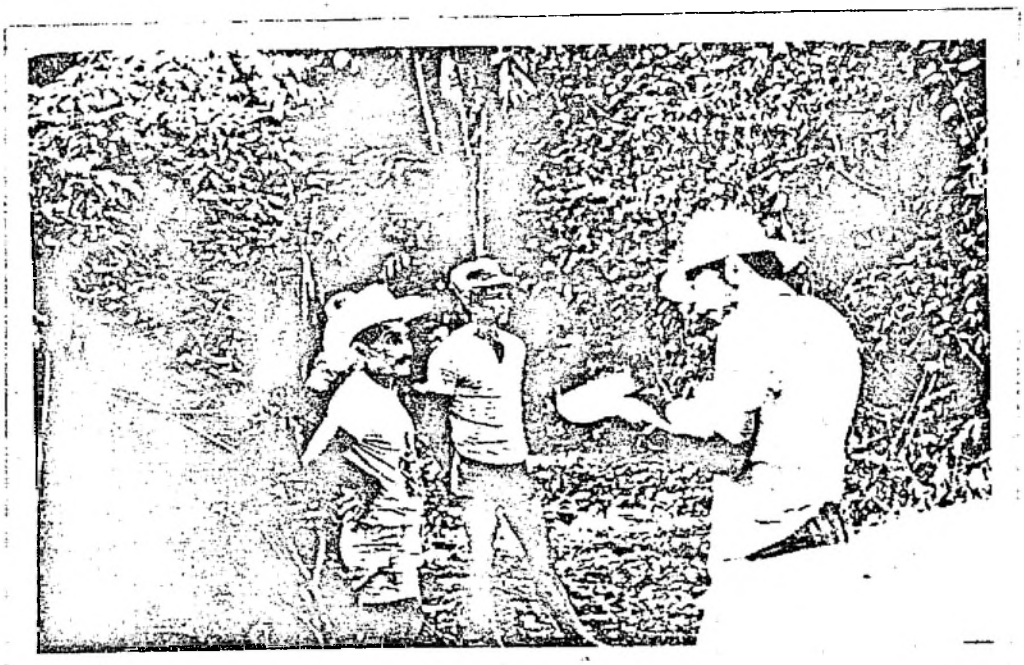
Acervo ISA

Proc. 10/78
Fls. 57
Rubrica: Art.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI



Casa Apurinán



Leôncio, chefe Apurinã (esquerda)